

Tendências da prática jornalística na Era da Informação: A webreportagem pensada pelo aspecto da Cultura da Virtualidade Real ¹

Felipe Zschaber²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

No presente artigo pretendemos estudar um tipo específico de prática jornalística a qual se desenvolveu graças as novas tecnologias: a webreportagem. Acreditamos que esse tipo de jornalismo possui qualidades que estarão diretamente relacionadas a aspectos sociais e tecnológicos contemporâneos. Nesse sentido, iremos estudar essas webreportagens a partir de uma perspectiva alinhada ao conceito da cultura da virtualidade real (CASTELLS, 1999). Nossa intenção no trabalho é entender como esses materiais podem ser interpretados através das premissas desse conceito, o qual aponta para a consolidação de uma nova forma de representação e entendimento do que se denomina “real” na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Jornalismo; Era da Informação; Sociedade em Rede; Webreportagem; Cultura da Virtualidade Real;

Introdução

No presente artigo pretendemos estudar um tipo específico de prática jornalística que pôde se desenvolver graças as capacidades das novas tecnologias: a webreportagem. De forma prévia, aclaramos que verificamos nesses exemplares uma espécie de reinterpretação das tradicionais reportagens impressas, mas que estão sendo, a sua vez, realizadas para o e no meio da *Web*. Diante desse panorama, acreditamos que essa prática se fez possível ante a alguns aspectos sociais e tecnológicos contemporâneos. Nesse percurso primeiramente temos de pensar nas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novas Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

² Bolsista CAPES. Aluno do mestrado da linha Estética, Redes e Tecnocultura no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisa Jornalismo Digital, Narrativas Contemporâneas e Games. felrockit@gmail.com

características da sociedade em que vivemos e em sua qualidade primordial: o fato de estar organizada em um modelo determinado por redes. Desse modo poderemos entender algumas das mudanças que ocorreram no jornalismo e na produção de alguns de seus conteúdos. Concomitante a esse aspecto, temos a presença da expansão tecnológica, que traz, em si, novas possibilidades e meios para a realização dessa prática, contribuindo nessa transformação.

Nesse sentido, iremos buscar uma forma de visualizar a realização dessas webreportagens a partir de um olhar alinhado ao conceito da *cultura da virtualidade real* (CASTELLS, 1999). Nossa intenção no trabalho é entender como a construção, a dinâmica lógica e a experiência narrativa desses materiais podem ser interpretadas através dos preceitos desse conceito, o qual aponta para a consolidação de uma nova forma de representação e entendimento do que se denomina “real” na sociedade contemporânea.

A Sociedade em Rede e A Era da Informação

Vivemos atualmente em uma Sociedade em Rede, que foi assim denominada pelo sociólogo catalão Manuel Castells (1999). A ascensão e a consolidação dessa Sociedade modifica a cultura, a economia, o tempo e as relações sociais das comunidades que possuem uma determinada base tecnológica, a qual tornou possível o desenvolvimento e a evolução da informática e da telecomunicação, responsáveis, por sua vez, pela configuração social na presente Era da Informação (CASTELLS, 2003).

No cerne de toda essa revolução tecnológica temos um conceito chave: a rede. Afinal, toda a estrutura que se desenvolveu ao longo dos anos teve como base esse paradigma. A partir da definição apresentada por Manuel Castells (1999) podemos afirmar que a rede, em suma, é um conjunto interligado de nós, o qual possui vantagens ao ser usado como ferramenta de organização devido a suas características essenciais como flexibilidade e adaptabilidade. Segundo Castells, “as redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela internet” e pela sua velocidade, assim se tornando fundamentais

“para sobreviver e prosperar num contexto de mudança permanente” (CASTELLS, 2003, p. 15).

O sociólogo segue além dessa perspectiva e afirma que os processos na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes: As “redes constituem a nova morfologia social de nossa sociedade e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 565). Sendo assim, há de se destacar que aliada a essa dinâmica das redes a grande responsável por essas mudanças foi a expansão e a consolidação da própria Internet³.

Como nosso objeto de estudo se constitui como um tipo de jornalismo praticado na *Web*⁴, não vamos nos ater à apresentação de todo o processo que se deu até chegarmos ao nível atual de seu desenvolvimento nessa oportunidade, devido a extensão de tal percurso. Nos convém, no entanto, ressaltar que de tecnologia militar contra um possível colapso na Guerra Fria, a Internet se transformou na base fundamental de estruturação da sociedade contemporânea, como recorda o catalão: “O novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 565).

Tal paradigma se configura como um aspecto muito importante para podermos perceber a dinâmica “da transformação tecnológica atual à medida que ela interage com a economia e a sociedade” (CASTELLS, 1999, p. 78). Para entendermos essa dinâmica temos de considerar que o que gera (e gerencia) essa sociedade é a própria *informação*, que acaba se tornando o produto desse processo produtivo. Ou seja, a informação é a base econômica assim como também se constitui como uma espécie primordial de conhecimento no âmbito da sociedade contemporânea. Nesse novo paradigma “a informação é a sua matéria-prima” e as tecnologias que se desenvolvem são “para agir sobre a informação”, indo de encontro a dinâmica vivenciada nas revoluções tecnológicas anteriores, que tinham a informação com a funcionalidade de apenas “agir sobre a tecnologia”

³ Resumidamente, pode-se especificar que a Internet se configura como o sistema mundial de rede de computadores interconectados, os quais são interligados pelo padrão de comunicação computacional Protocolo TCP/IP.

⁴ A *World Wide Web* (WWW) está contida na Internet, sendo uma rede de recursos por ela disponibilizados. Ela se configura como um sistema que permite o acesso às informações através de documentos hipertextuais interlinkados que estão dispostos e são acessados pela Internet.

(CASTELLS, 1999, p. 78). Dessa maneira o que percebemos é que o seu antigo papel acabou de certo modo se invertendo na atualidade.

Diante dessa perspectiva, temos que ao considerarmos a informação como a célula básica do conhecimento se torna pertinente focalizarmos as notícias como um dos processos de reprodução celular que colaboram na construção de um conhecimento estratégico, ou seja, no entendimento de contextos que dá elementos para se formar uma opinião ou um julgamento (PADILHA, 2010, p.3).

De todo modo, o novo paradigma da comunicação vai além de uma única maneira de se pensar as atividades que estão sendo realizadas. Ele aponta e representa uma lógica compartilhada na geração da informação, o qual dá origem a múltiplas teorias em diversos campos de conhecimento, permitindo “acessos múltiplos” ao seu cerne. Dessa forma, Castells aponta que o paradigma tecnológico atual “penetra no âmago da vida e da mente” (CASTELLS, 1999, p. 81), modificando as antigas formas de percepção e interpretação e criando novos processos simbólicos. A partir dessa construção podemos trabalhar especificamente a dinâmica da cultura da virtualidade real, apresentada por Castells (1999).

A Cultura da Virtualidade Real

Manuel Castells parte da premissa de que não existe separação entre “realidade” e representação simbólica no âmbito cultural, devido ao fato das culturas serem compostas por processos comunicativos, os quais são baseados na “produção e consumo de sinais” (CASTELLS, 1999, p. 395). Seguindo essa perspectiva, o autor aponta que a lógica da comunicação humana é justamente existir e atuar nesse ambiente simbólico. Desse modo, têm-se que a tendência simbólica do “sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção de uma virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p. 395).

Diante do que concerne ao “sistema de comunicação” especificado pelo autor, podemos recorrer a duas das características do conceito de multimídia para explicitar aspectos que contribuem nessa construção de “uma virtualidade real”. Primeiramente, destacamos o fato de que todos os tipos de mensagens estão

presentes em um mesmo sistema, induzindo a “uma integração de todas as mensagens em um padrão cognitivo comum” o que reduz, dessa maneira, “a distância mental entre as várias fontes de envolvimento cognitivo e sensorial” (CASTELLS, 1999, p. 394). O outro fator é que essas mídias são capazes de aproximar todos os tipos de expressões, do nível cultural ao técnico, diluindo barreiras entre erudito e popular e entre o entretenimento e a informação. Isso acaba por formar um “supertexto histórico gigantesco” no qual as manifestações de passado, presente e futuro são (*inter*)ligadas nesse meio digital, fazendo “da virtualidade nossa realidade” (CASTELLS, 1999, p. 394).

Desse modo o autor define as características desse novo sistema de comunicação que acaba por gerar a *virtualidade real*:

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. Todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque este fica tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente e futuro (CASTELLS, 1999, p. 395)

Os indivíduos que atuam nesse sistema encontram seus tradicionais papéis modificados, o que acaba agindo diretamente na especificidade dessa comunicação. Ela deixa de ser baseada em um modelo calcado na comunicação de massa, que é dotada de uma estrutura de via única (*um* → *todos*), permitindo que se realize uma comunicação horizontal (*todos* → *todos*) a um nível de escala global. No que concerne aos agentes do processo, eles acabam se transformando em *interagentes* – os quais tomam para si papéis ativos na comunicação – ou em *receptores da interação* – que são aqueles que somente recebem conteúdos - gerando relações de poder intrínsecas a esse meio digital. Pode-se dizer então que, nesse âmbito, acaba por ocorrer uma fusão da comunicação inter(ativa) pessoal com a de massa, complexificando a dinâmica do processo. Desse modo, a rede acaba por integralizar não só construções discursivas e expressões culturais, mas também une possibilidades de realização de trajetos, interações e dinâmicas distintas entre os próprios agentes comunicativos e entre eles e os conteúdos digitais.

Espaço e tempo transformados

Seguindo tais considerações podemos afirmar que essas transformações foram possíveis devido ao fato que nesse conjunto foram modificadas algumas “fundações materiais da vida, (como) espaço e tempo” (CASTELLS, p. 12, 1997), mas ao mesmo tempo há de se reconhecer que foram as características do novo sistema de comunicação que originaram tais mudanças fundamentais. As transformações são radicais: o tempo se vê modificado, pois nessa sociedade ele se configura como um tempo intemporal (*timeless time*) enquanto o espaço, por sua vez, se converte em um espaço de fluxos (*space of flows*).

Segundo Castells o tempo intemporal seria definido: “Pelo o uso das novas tecnologias de informação/comunicação em um esforço para aniquilar o tempo, comprimir anos em segundos (...) A meta fundamental é eliminar a sequência do tempo, incluindo presente, futuro e passado em um mesmo hipertexto, assim eliminando a “sucessão das coisas”, que segundo Leibniz, caracterizaria o tempo, dessa forma, sem que as coisas possuam sua ordem sequencial, não mais existe tempo na sociedade” (CASTELLS, 1997, p. 12). Ou seja, o tradicional conceito de tempo se dissipa, pois em um mesmo processo comunicacional se aloca passado, presente e futuro, que acabam se relacionando e interagindo, e, de certa maneira, também se confundindo, gerando efeitos posteriores na comunicação.

Enquanto isso, o espaço de fluxos se caracteriza por ser a organização material desse tempo intemporal, compartilhado pelas práticas sociais que trabalham na dinâmica de fluxos. A prevalência dessa lógica sobre a lógica tradicional – que se caracteriza pelo “espaço de lugares” (*space of spaces* – que pode ser entendido como espaços físicos) – constituiria uma forma fundamental de dominação social na Sociedade em Rede. De tal modo os locais físicos perdem o seu sentido cultural, histórico e geográfico originário, integrando-se em “redes funcionais ou em colagens de imagens” (CASTELLS, 1999, p. 397), o acaba fazendo com que o espaço de fluxos estruture e molde o espaço físico, o que acabaria determinando a configuração de tal dominação social. É justamente a partir dessas qualidades que a “comunicação se torna ao mesmo tempo global e customizada” (CASTELLS, 1997, p. 16) na sociedade.

As definições anteriores permitem que o autor afirme que “o espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade” (CASTELLS, 1999, p. 397-398).

Especificando a webreportagem

Para podermos descrever do que se trata uma webreportagem, inicialmente devemos considerar que o jornalismo se constitui, em sua essência, “de uma representação discursiva de factos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem” (SOUZA, 2008, p. 5). A partir dessa constatação podemos caracterizar uma reportagem tradicional: A reportagem é uma espécie de subgênero do jornalismo interpretativo o qual, *a priori*, vai além dos fatos básicos e da prática diária. Nesse gênero busca-se fornecer o contexto, análise(s) e até possíveis consequências de um acontecimento. De tal modo nos cabe realizar uma breve conceituação acerca da *reportagem*. Segundo Sodré e Ferrari a reportagem pode ser caracterizada por ser:

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia a dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se *reportagem*. Está é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma narrativa do veículo impresso (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 11)

Desse modo, podemos afirmar que a reportagem se constitui como uma narrativa ampla, mais completa e complexa que uma notícia comum. Nela se busca a humanização do relato, a inclusão de diferentes perspectivas, a contextualização e o desdobramento dos fatos e também a criação de uma – ou então várias – história(s).

Desse modo enxergamos as webreportagens dotadas dessas mesmas premissas. Porém, esses materiais, realizados a sua vez na *Web*, irão se utilizar de possibilidades oferecidas pelos meios digitais e pela rede na definição de suas qualidades, na construção de sua estrutura informacional e também na sua relação

com os usuários⁵. Consequentemente esses aspectos causaram e ainda causam mudanças essenciais na produção, publicação e consumo dos conteúdos jornalísticos. Essas mudanças foram ocorrendo em etapas, culminando no momento em que o webjornalismo se deu de fato. De acordo com Luciana Moherdauí, temos “o uso de recursos multimídia; a convergência entre suportes diferentes (multimodalidade); a disseminação de um produto em varias plataformas e/ou serviços informativos; e a produção de conteúdo pelo usuário” (MOHERDAUI, 2007, p. 125) como as principais características dessa etapa. Também pode-se encontrar a utilização do hipertexto como elemento narrativo no relato dos fatos.

Dessa maneira, podemos afirmar que as webreportagens irão usufruir de alguns aspectos presentes no paradigma da comunicação em rede e também no próprio jornalismo online: a presença da hipertextualidade, da multimedialidade, calcada na convergência e da interatividade em seu corpo. Sendo que cada um desses pontos serão utilizados de diferentes maneiras e em diversos níveis de desenvolvimento, de acordo com a característica de cada material. Segundo Liliam Marrero:

Los rasgos de la comunicación en red le confieren al reportaje multimedia cualidades expresivas que reconfiguran determinados elementos –formales y de contenido– del reportaje tradicional. La hipertextualidad supone una nueva narrativa basada en la multilinealidad de las estructuras de navegación y multiplica las posibilidades de documentación de los contenidos en el género. La interactividad permite el intercambio entre los actores de la comunicación y apunta a trascender la asimetría de los modelos comunicativos precedentes, haciendo del reportaje un producto generador del diálogo y la colaboración. La multimedialidad provoca la coexistencia de los códigos específicos de la prensa, la radio y la televisión en un mismo soporte y le otorga al reportaje una mayor complejidad formal y un renovado alcance expresivo (MARRERO, 2008, p. 2)

Diante desse panorama, temos a convergência midiática como sendo um fator determinante na comunicação digital e na realização plena dessas webreportagens. Lucia Santaella esclarece essa convergência e ainda ressalta as mídias como forma de comunicação humana, assim sendo, meios para se construir narrativas. Assim:

⁵ Acreditamos que o termo *usuário* é mais abrangente e de dessa forma o utilizamos para agrupar os conceitos de *interagentes* e de *receptores da interação*, trabalhados por Castells (1999).

foram fundidas, em um único setor de todo o digital, as quatro principais formas de comunicação humana: o documento escrito (imprensa, revista, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). É esse processo de unificação que costumam chamar de “convergência das mídias”. (SANTAELLA, 2003, p. 84)

Isso nos leva a considerar que essas webreportagens permitem aos usuários estarem sempre “dentro de um espaço informacional, ou seja, em um ambiente de signos híbridos (...) que se misturam na constituição de um sistema midiático complexo” o que faz com que elas sintetizem “muito mais do que um mero somatório de linguagens, e sim uma nova configuração discursiva” (ZUIN e CORREA, 2008, p. 14). De tal maneira apontamos que esse modelo teórico de mídia, multifacetada, plural, dialoga com a realidade dos produtos e objetos que dão suporte a essa forma de comunicação exercidas pelo jornalismo contemporâneo.

Logo, concluímos que as webreportagens podem ser pensadas como uma adaptação das reportagens tradicionais no novo âmbito da comunicação na *Web*. Dotadas de suas qualidades digitais, essas reportagens são um dos fatores responsáveis pelas modificações da prática jornalística tradicional que visualizamos atualmente.

Pensando as webreportagens sob o olhar da virtualidade real

Nessa seção iremos cotejar as características que dispomos na webreportagem com as premissas da cultura da virtualidade real propostas por Castells (1999). Na oportunidade alinharemos essas premissas e qualidades lado a lado, em busca de eventuais relações que poderão se formar. Em caráter complementar tentaremos inferir a partir desses resultados possibilidades e tendências e também compreender esses dados, tecendo considerações pertinentes a nossa proposta.

Inicialmente, ao que concerne novamente ao conceito de multimídia, identifica-se nas webreportagens que os meios que se fazem presentes podem se agregar, porém iremos considerar um ponto além dessa composição: acreditamos que através de um material multimídia – como é o caso das webreportagens – também pode-se oferecer várias histórias e discursos coerentes, que serão

construídos pelos usuários de acordo com o percurso que eles traçarem no material, seja pelo caminho do texto, áudio, vídeo ou por todos eles. Esses trajetos narrativos serão concatenados através da integração harmônica dos meios que constituem o objeto multimidiático (SALAVERRIA, 2001). Essa possibilidade de integração é ditada pela lógica estrutural dos materiais, e, caso não sejam bem pensadas, pode-se acabar desviando da intenção de “informar”, culminando em processos comunicacionais redundantes os quais se encontram compostos de sentidos, porém esvaziados de contexto.

Sendo assim, podemos colocar essas características e qualidades frente a frente. Inicialmente devemos considerar que o jornalismo, atividade responsável pela produção do nosso objeto de estudo, se trata de um produtor de processos comunicativos simbólicos. Por sua vez a webreportagem, de acordo com a sua construção, pode se configurar como uma espécie de “sistema de comunicação” o qual organiza a junção de diversos meios e linguagens no âmbito digital, se utilizando de uma lógica hipermidiática para isso. Destarte conclui-se que esse processo comunicacional se dá por um viés simbólico através do ambiente digital no qual trafegam as mensagens, responsáveis por conceber significações e significados reais para os usuários que as percorrem e as usufruem.

Essas construções e significados são resultantes do meio virtual, no qual são veiculadas determinadas representações da(e uma) realidade. Assim como demonstra Castells (1999), indicamos que nesses materiais a intenção não é construir uma espécie de um mundo virtual, dotado de sentidos e significados que estão a parte do que pode ser verificado no mundo físico. Inclusive aclaramos que essa não é a pretensão jornalística ideal, a qual se propõe a aproximar os relatos e narrativas a um nível mais verossímil possível do que foi constatado em uma determinada ocasião ou série de acontecimentos. Logo, compartilhamos da reflexão de Castells (1999) que revela que a intenção desse sistema de comunicação digital “não é a indução à realidade virtual, mas a construção de uma virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p. 395).

Nesse sentido, o viés de uma reportagem visa apresentar algo (um fato ou uma situação, por exemplo) situado em um tempo e um espaço, aproximando-se de uma realidade verificável. No entanto, como ambos conceitos de *tempo* e *espaço* se

encontram modificados na sociedade, essa (web)reportagem também se vê modificada. Ela se torna fundamentalmente digital, e aloca em sua estrutura corporal acontecimentos que podem não compartilhar de um mesmo tempo e local, criando um conjunto representativo único. Em uma webreportagem, por exemplo, pode-se apresentar um vídeo histórico de como era a dinâmica de um local – o qual se ocorreu uma eventualidade – presente em uma determinada cidade, o qual (ou a qual), corre o risco de sequer existir mais. Pensemos em um caso no qual está se reportando sobre a história de Nova Iorque e em um vídeo documental exibe-se a construção e o florescer das Torres Gêmeas. Para alguém que não vivenciou ou teve contato com o fato histórico do 11 de setembro de 2001, essa pode ser uma representação legítima do atual, em um primeiro momento. No entanto, após esse usuário explorar tal reportagem ele obviamente se deparará com o relato do acontecimento e poderá reconhecer (em fotos, vídeos, ou representações em 3D) o vazio no lugar que anteriormente estavam localizados esses símbolos do poder americano. Uma situação como essa acaba por deslocar e tensionar os conceitos de *tempo* e *espaço*, da mesma maneira que apresentou o autor catalão.

Dessa maneira uma webreportagem que possua uma estrutura rizomática e uma dinâmica interativa acaba por traduzir o conceito do tempo intemporal (CASTELLS, 1997), incluindo em sua ambiência hipermidiática o presente, o futuro e o passado, eliminando, por conseguinte, a “sucessão das coisas”. Essa sucessão poderá ser construída pelo usuário, de todo modo, caso ele siga os passos referentes as ocasiões e situações históricas (que deverão ser indicadas no material) e crie em sua mente um modelo lógico-temporal dos acontecimentos. Tal prática também pode, nesses moldes, destituir os sentidos cultural, histórico e geográfico originários de seus conteúdos, caso eles sejam experienciados individualmente ou de uma forma aleatória no decorrer do percurso. Isso acaba por indiciar o conceito de espaço de fluxos (CASTELLS, 1997) como atuante nessa dinâmica. Caso não se crie uma estrutura a qual consiga se transmitir os significados dos fatos (e propiciar a experiência desejada a ser desfrutada pelos sentidos) corre-se o risco de que esses conteúdos atuem apenas como outros pontos da rede, ou atuem como meras “colagens de imagens”. E, evidentemente, essa não é a intenção dos produtores desses materiais *jornalísticos*.

Nessa atividade jornalística podemos pautar autores que especificam pontos de interesse na área. Helder Bastos (2005) descreve que nessa espécie de jornalismo "escrever não se resume a redigir texto, mas antes a explorar todos os formatos possíveis a ser utilizados numa estória de modo a permitir a exploração da característica-chave do novo médium: a convergência" (BASTOS, 2005, p. 5). Essa convergência é um aspecto do paradigma comunicacional proposto por Castells (1999), o que acaba revelando que a prática jornalística emoldurada em nosso objeto se configura, primeiramente, como uma espécie de "produto" originado por esse paradigma. Esse "produto" é engendrado pelo paradigma e pelas novas tecnologias, mas ao mesmo tempo a sua configuração atual também é capaz de influenciar em seus próprios desenvolvimentos e assimilações, que transcorrerão ao longo de seu ciclo de vida. Isso se dá pois tais atividades práticas são pontuais e atuam diretamente nos usuários, que, a sua vez, são igualmente afetados pelas premissas comunicacionais, mas também ditarão os rumos do "produto" através de suas apropriações e usos. Desse modo pode-se notar uma espécie de "lógica compartilhada na geração da informação" (CASTELLS, 1999, p. 80) e do conhecimento sobre os fatos e sobre as próprias relações entre essas tecnologias e meios com seus usuários.

A partir desse ponto acreditamos ser relevante visualizar o aspecto narrativo dessas construções midiáticas. John Pavlik (2001) aponta para a importância da experiência narrativa configurada pelas webreportagens. Segundo o autor "este novo estilo oferecerá à audiência uma complexa mistura de perspectivas nas estórias e acontecimentos que será muito mais completa do que qualquer único ponto de vista poderia alcançar" (PAVLIK, 2001, p. 24). Esse "estilo" se relaciona diretamente a capacidade de mesclar sentidos e experiências, característica que faz parte da própria ideia que a cultura da virtualidade real permite e propõe. Uma narrativa que se utiliza de diversos pontos de vista e perspectivas, por sua vez, também é mais completa e complexifica a percepção e a interpretação de nuances em relação ao tema ou ao fato que está se abordando, matizando a representação.

Além disso, essa possibilidade narrativa formada pelas webreportagens permite ao usuário vivenciar esse mundo "virtual" de forma muito mais real (apontando para o próprio conceito de virtualidade real), devido a presença de vários

meios e linguagens (originando um discurso multicódigos) que acaba gerando várias formas de se construir (e reconstituir) semelhanças com a situação ou o objeto físico de origem. Essa capacidade acaba recorrendo a um efeito multisensorial e, por vezes, sinestésico, transmitindo qualidades, tipos e padrões daquilo que está sendo narrado e representado.

Temos ainda que essa (con)vivência de uma “realidade” no ambiente digital, proposta pelas experiências propiciadas pela webreportagem, se configura como a tradução, materializada na prática, da ideia da cultura da virtualidade real, pois nela “o faz-de-conta” simbólico do jornalismo “vai se tornando realidade” (CASTELLS, 1999, p. 398), configurando um ambiente virtual o qual é disposto como (um)a realidade do acontecimento ou temática relatada. Realizamos tal afirmação pois após essas reflexões chegamos a conclusão de que esse tipo de prática jornalística se constitui como um sintoma (que se revela em uma sintomática) e um produto do processo social e comunicacional que está se transcorrendo em nossa sociedade, apresentando e representando as qualidades especificadas por Manuel Castells (1999) em sua obra.

A proposta de relacionar as webreportagens e a cultura da virtualidade real pôde parecer um tanto artificiosa em uma perspectiva inicial. No entanto, verificamos que, de fato, ambos objetos tecem encontros naturais, sintetizando uma dinâmica em que um acaba fazendo parte do outro. Não que eles se confundam, pois a cultura da virtualidade real é algo muito mais amplo, porém a prática da webreportagem, a sua vez, acaba determinando *como* um aspecto essencial dessa cultura expandirá e será assimilado pela sociedade vigente. Essa relação, de tal maneira, se constrói reciprocamente, determinando um processo cíclico de modificação da própria sociedade.

No que concerne as tendências, acreditamos que esse panorama tenderá a se desenvolver cada vez mais conforme a Sociedade em Rede se enraíza. Tal factualidade acabará mesclando esse determinado tipo de prática jornalística aos paradigmas e as características contemporâneas apontadas por Castells (1999), podendo chegar a um determinado ponto em que a relação entre eles se torne orgânica para o público, fazendo com que a identificação de uma secção seja algo muito mais complexo de realizar e que seja até imperceptível para aqueles que

forem radicados no cerne dessa forma(ta)ção. No entanto, deixamos claro que essa é apenas uma percepção superficial, tendo em vista que os processos – comunicativos, sociais e tecnológicos – não seguem padrões e podem se modificar nas diversas situações que o futuro ainda está por preparar.

Considerações Finais

Realizamos esse estudo com o intuito de relacionar objetos e conceitos distintos, em uma tentativa de identificação e reconhecimento de eventuais aspectos, relações e tendências entre eles. No entanto, não podíamos esperar que os dados encontrados fossem apontar para um panorama o qual apresenta uma relação recíproca – apesar de não ser harmônica – entre a webreportagem e a cultura da virtualidade real.

Acreditamos que esse processo se constitui em um movimento cíclico, e que ele ainda possui várias formas de se desenvolver e amadurecer ao longo do seu percurso. Esses passos serão arquitetados através das relações que se constroem e estão por ser construídas entre os objetos. A partir desse fato há de se aclarar que não é possível tecer prognósticos definitivos, pois em uma sociedade a qual se vê modificada a todo tempo, as práticas que dela (e nela) ocorrem se circundam de um teor de imprevisibilidade latente. Isso significa que as mudanças e as transformações futuras podem fluir em rumos completamente distintos daqueles que elas aparentam seguir, configurando não somente um amplo cenário de virtuais possibilidades como também permitindo panoramas que podem ser capazes de alterar drasticamente o que é verificado nas condições atuais dessa relação.

Referências

BASTOS, Helder. **Ciberjornalismo e Narrativa Hipermedia**, 2005. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/25255/2/CiberjornalismoeNarrativaHipermedia000099406.pdf> Acesso em: 05/07/2014

CASTELLS, Manuel.. **An introduction to the information age**, City,2:7, 6 – 16, 1997. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13604819708900050>>. Acesso em: 03/07/2014

_____. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura. v.1. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MANOVICH, Lev. **The language of new media.** Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2001.

MARRERO, Liliam S. **El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual.** Acercamiento a sus rasgos formales y de contenido, in *Revista Latina de Comunicación Social*, 63, páginas 348 a 367, La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, 2008.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de Estilo Web.** Senac São Paulo, 2007.

PADILHA, Sonia. **A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/boccpadilha-webjornalismo.pdf>>. Acesso em 02/07/2014

PAVLIK, John. **Journalism and new media.** New York: Columbia University Press, 2001.

SALAVERRIA, Ramon. **Aproximación al concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental.** In *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 2001, n.º 7: 383-395

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano.** São Paulo: Paulus, 2003.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historiabreve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 02/07/2014

ZUIN, A. L. A. & CORREIA, C. M. de C. (2008). **Jornalismo impresso e jornalismo online:** a linguagem híbrida da informação. In: *Simpósio Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Cibercultura - ABCIBER*, 2., 2008, São Paulo. São Paulo: PUC-SP.